

**SUPER**  
**NORMAL**



# SUPER NORMAL



**GREG & CHRIS  
JAMES SMITH**

ILUSTRADO POR  
**ERICA SALCEDO**

TRADUÇÃO DE MARINA VARGAS



Copyright dos textos © 2017 by Greg Milward e Chris Smith  
Copyright das ilustrações © 2017 by Erica Salcedo  
Edição publicada mediante acordo com Bloomsbury Publishing Plc.



Paródia de *O Rei Leão* (páginas 102 e 103). THE LION KING® e O REI LEÃO® são marcas registradas de Disney Enterprises, Inc. Personagens de *O Rei Leão* © 1994 The Walt Disney Company.

Paródia de *Frozen* (página 104). FROZEN® é marca registrada de Disney Enterprises Inc. Princesa Elsa e outros personagens de *Frozen* © 2013 The Walt Disney Company.

TÍTULO ORIGINAL	PREPARAÇÃO
Kid Normal	Milena Vargas
ILUSTRAÇÃO DE CAPA	REVISÃO
© Erica Salcedo 2017	Luiz Felipe Fonseca
ADAPTAÇÃO DE CAPA	DIAGRAMAÇÃO
Antonio Rhoden	Ilustrarte Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J29s

James, Greg, 1985-

SuperNormal / Greg James, Chris Smith ; ilustração Erica Salcedo ; tradução Marina Vargas. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.  
336 p.: il. ; 21 cm. (SuperNormal ; 1)

Tradução de: Kid Normal  
ISBN 978-85-510-0671-9

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil inglesa. I. Smith, Chris. II. Salcedo, Erica. III. Vargas, Marina. IV. Título. V. Série.

20-63052

CDD: 808.899282  
CDU: 82-93(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

[2020]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para LJ.*  
— *Chris*

*Para os SuperNormais em toda parte.*  
*Sempre digam sim à aventura.*  
— *Greg*





# 1

## A casa nova

Murph não se lembrava de ter odiado tanto outra coisa na vida quanto a casa nova. Uma brisa suave, daquelas que quase sempre encontramos no começo de uma história, despenteou seu cabelo castanho desgrenhado enquanto o garoto, parado, observava o novo lar. Tentava compreender, com toda a força de seu cérebro de onze anos recém-completados, por que a casa fazia com que ele se sentisse tão derrotado.

O problema da casa nova era que... era nova *demais*. Quando era mais jovem, Murph morava numa casa muito mais antiga, com uma escada de madeira interessante que levava a um sótão interessante e sombrio cheio de caixas interessantes, e havia um jardim com árvores interessantes para subir e cantos interessantes para construir esconderijos. Era o tipo de casa em que aventuras acontecem — embora, para falar a verdade, nunca tenha acontecido nenhuma. Bem, havia a *possibilidade* de aventuras.

Agora, nem isso. Quatro anos antes, Murph, a mãe e o irmão tinham deixado aquela casa interessante para trás. Tiveram que se mudar de cidade por causa do trabalho da mãe, e isso já tinha sido bem ruim. Então,

apenas um ano depois, eles tiveram que se mudar de novo. E de novo. E *de novo*. Então lá estava ele, um terço da vida longe dos velhos quartos irregulares que tanto amava, diante de mais uma casa nova e desejando que alguém a explodisse ou a incendiasse. O que, diga-se de passagem, ia até acontecer. Ele só não sabia disso ainda.

E mesmo que Murph soubesse que em poucos meses a casa nova viraria um monte de ruínas fumegantes, isso não o deixaria muito animado. Sob o céu castanho e chuvoso do fim de tarde, que combinava perfeitamente com seu estado de espírito, ele carregou caixas de papelão para dentro daquela casa quadrada e as largou no corredor cheio de eco, pintado de um verde-claro muito parecido com vômito de gato.

O novo quarto de Murph era de um verde diferente, mas tão horroroso quanto, uma coisa fora de moda meio abacate. O cômodo era um forte candidato ao Prêmio de Quarto Mais Deprimente da Porcaria de Casa Nova e ia enfrentar dura concorrência. Não havia nada lá dentro, a não ser um colchão e um gaveteiro branco. De dia, a janela sem cortinas teria proporcionado a bela vista do canal cheio de óleo nos fundos da casa, e, do outro lado, um muro de tijolos. Murph ficou feliz por estar de noite.

Com um suspiro, abriu a mala e começou a tirar as roupas de lá, enfiando suas calças jeans e camisetas nas gavetas meio de qualquer jeito. Por fim, chegou aos quatro últimos itens da mala, só que, em vez de guardá-los, Murph os estendeu sobre o colchão sem lençol e se sentou no chão de pernas cruzadas para admirá-los.



Ali estavam quatro camisetas cinza — as que tinha usado em seu último dia de aula nas quatro últimas escolas em que estudara. A primeira estava coberta de recadinhos feitos com caneta de ponta grossa. Era uma tradição do lugar: quando alguém ia embora, todo mundo escrevia uma mensagem de despedida.

*Vamos sentir saudade, cara! Ass: Max  
Manda notícias, superstar! Sam  
Fica, Poderoso Murph! Lucas*

Quase não havia mais espaço na camiseta cinza, tantos eram os recados divertidos e coloridos deixados para ele.

**Fíca!**

Mas ele teve que ir — tudo por causa do trabalho da mãe. Ele realmente tinha pensado em manter contato, mas no ano seguinte não teve tempo para isso, porque estava ocupado demais fazendo novos amigos para substituir os que deixara para trás.

Murph pegou a segunda camiseta e leu os nomes dos novos amigos. Não eram muitos dessa vez, mas ainda havia palavras gentis.

*Não acredito que você já vai se mudar! Só tem um ano! Beijo, Pia  
Vamos sentir sua falta, Murph! Volta logo, cara. Tom*

Na terceira camiseta havia apenas um nome ou outro, escritos com caneta esferográfica. Ele tinha decidido no último minuto que queria levar alguma lembrança do lugar.

A quarta camiseta estava limpa e imaculada.

Murph dobrou as camisetas e as empilhou na última gaveta da cômoda.

Ele não tinha feito nenhum amigo no último ano. O garoto se convencera, e com razão, de que mais cedo ou mais tarde a mãe viraria para ele durante o jantar e comunicaria que precisavam se mudar outra vez. Para Murph, as pessoas tinham se transformado em programas de televisão descartáveis. Não adiantava se envolver demais, porque não dava para saber quando alguém ia aparecer e mudar o canal.

Se você já se mudou alguma vez, sabe que Pedir Comida na Primeira Noite é um ritual muito importante. E, como toda família recém-chegada numa casa nova, Murph, o irmão, Andy, e a mãe se viram sentados no chão, diante daquela comida de restaurante, com a estranha sensação de que estavam na casa de outras pessoas e alguém precisava urgentemente dar um jeito no aquecedor.

Eles comeram direto das embalagens de alumínio, porque a mãe não conseguiu encontrar os pratos. Murph sabia exatamente onde eles estavam, mas teve que se concentrar em impedir que o irmão mais velho roubasse seus chips de camarão.

— São meus, idiota! — gritou ele, quando Andy esticou os braços como um polvo guloso e encheu a mão.

— Você não precisa comer o saco todo, Smurf! — respondeu o grande idiota de dezesseis anos.

— Preciso, sim! — retrucou Murph, migalhas de chips saindo de sua boca como em um grande e im-

pressionante show de fogos de artifício, só que com cheiro de camarão. — E para de me chamar de Smurf. Você sabe que eu não gosto.

— Desculpa, Smurf — disse Andy, orgulhoso, com ar de quem acabou de dizer algo incrivelmente inteligente.

— Já chega! — pediu a mãe, soltando um suspiro cansado. — Andy, para de chamar seu irmão de Smurf. E, Smurf, dá um pouco de chips de camarão pro seu irmão.

— MÃE! — reclamou Smur..., desculpe, *Murph*. Os outros dois riram e, mesmo relutante, o garoto entrou na brincadeira: — Vocês estão fazendo um complô contra mim! Só me faltava essa, depois de ser arrastado até essa terra de ninguém para morar numa caixa de sapatos. Eu não sou um sapato!



A mãe tentou confortá-lo.

— Eu sei que você não é um sapato, meu filho. E sei que não queria se mudar de novo.

Ela inclinou a cabeça um pouco para trás, e Murph viu que ela tentava conter algumas lágrimas, bem naquele estilo de mãe mesmo. Ela também não queria ter ido morar ali, percebeu o garoto.

— Sei que vai demorar um pouco para a gente se adaptar — continuou ela —, mas tenham paciência, meninos. Com o tempo, vocês vão gostar daqui, prometo. Vai dar tudo certo. Vai ser... — Ela fez uma pausa, procurando a palavra certa, e embora Murph não tenha se dado conta naquele momento, a palavra que a mãe usou era perfeita. — Vai ser... *super*.